

O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES NO PORTUGUÊS EUROPEU E BRASILEIRO: O COMEÇO DO FIM?

Joalêde Gonçalves Bandeira¹

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar pretérito mais-que-perfeito simples do modo indicativo no português brasileiro (PB) no período de 1900 a 1999, no Corpus do Português, em confronto com o português europeu (PE); e detectar contextos lingüísticos propícios ao emprego do mais-que-perfeito simples. Parte-se da hipótese de que o mais-que-perfeito simples é um tempo verbal em vias de desaparecimento no português contemporâneo, especialmente, na língua falada. Os resultados revelaram que as orações subordinadas adjetivas e as coordenadas são os contextos que mais condicionam à ocorrência deste tempo verbal. Equivale, de maneira bastante significativa, a sua forma composta.

Palavras-chave: Pretérito mais-que-perfeito. Tempo verbal. Português europeu. Português brasileiro.

ABSTRACT

This work intends to analyze preterite simple pluperfect in the indicative way in the Brazilian Portuguese (PB) in the period from 1900 to 1999, in the Portuguese's *Corpus*, in confrontation with the European Portuguese (PE); and to detect favorable linguistic contexts to the employment of the simple pluperfect. Breaks of the hypothesis that the simple pluperfect is a verbal time in disappearance roads in the contemporary Portuguese, especially, in the spoken language. The results revealed that the adjectival prayers and the coordinates are the contexts that more they condition to the occurrence of this verbal time. It is equal, in quite significant way, your composed form.

Key- words: Preterite more perfect. Verbal time. Brazilian Portuguese. European Portuguese.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como foco o estudo do pretérito mais-que-perfeito simples do modo indicativo no português brasileiro (PB) no período de 1900 a 1999, objetivando: 1) analisar o emprego do referido tempo verbal no português brasileiro, em confronto com o português europeu (PE); 2) detectar, se possível, contextos lingüísticos propícios ao emprego do mais-que-perfeito simples.

¹ Doutorado em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Mestrado em Gestão das Organizações pela Universidade do Estado da Bahia. Graduação em Letras Vernáculas com Inglês pela Universidade Católica de Salvador. Professora do Centro Universitário Estácio da Bahia, da Unijorge e da Universidade Salvador.

Parte-se da hipótese de que o mais-que-perfeito simples é um tempo verbal em vias de desaparecimento no português contemporâneo, especialmente, na língua falada.

O PORTUGUÊS SÃO DOIS²

O PORTUGUÊS EUROPEU

A língua portuguesa é uma das cinco línguas mais faladas no mundo. Pertence ao grupo das línguas românicas, ou neolatinas, e teve sua origem no latim falado, levado para a Península Ibérica por volta do século II a.C., como consequência das conquistas políticas do Império Romano.

Os Romanos desembarcaram na Península no ano 218 a.C. A sua chegada constitui um dos episódios da Segunda Guerra Púnica. Dão cabo dos cartigeneses no ano de 209 e empreendem, então, a conquista do País. Todos os povos da Península, com exceção dos Bascos, adoptam o latim como língua... (TEYSSIER, 1997, p. 3).

O território da Península Ibérica foi dividido, inicialmente, em duas grandes províncias, Hispania Citerior e Hispânia Ulterior. Esta última sofreu nova divisão em duas outras províncias, a Bética e a Lusitânia, onde se estendia uma antiga província romana, a Gallaecia. A implantação do latim na Península Ibérica constitui fator decisivo para a formação da língua portuguesa, e ocorre no século II a.C., quando as legiões de Roma, depois de longas lutas, conquistam a Hispânia e impõem sua civilização

A romanização da Península não aconteceu de maneira uniforme, mas pouco a pouco o latim foi se impondo, fazendo praticamente desaparecer as línguas nativas. Sobre este fato, Mattoso Câmara Jr. (1985, p.15) “a ocupação romana da Península Ibérica foi cabal e permanente”. Desse modo, muito pouco se conservou das línguas pré-romanas. Há resquícios apenas na área do vocabulário. Quando se deu a queda do Império Romano, a Península Ibérica estava totalmente latinizada.

Portugal constituiu-se no século XII como reino independente, quando Afonso I, através da batalha de São Mamede (1128), separa-se de Leão e da Galícia. Nesse meio tempo, estende seus territórios para o sul, anexando as regiões reconquistadas aos “mouros. Com a tomada de Faro (1249), o território português atingiu limites próximos das fronteiras atuais.

Como explica Teyssier (1997, p.41), por volta de 1350, quando se exaure a escola literária galaico-portuguesa, as consequências do deslocamento para o Sul do centro de gravidade do reino independente de Portugal vêm à tona. O português já separado do galego por uma fronteira política, passa a ser a língua de um país cuja capital é Lisboa, residência privilegiada do rei, além de ser a cidade mais povoada e o primeiro porto do país. O eixo Lisboa-Coimbra constitui daí por diante o centro do domínio da língua portuguesa. É, portanto, a partir dessa região, antes moçárabe, que o português moderno vai se constituir,

² Alusão ao texto homônimo da Prof^ª.dra. Rosa Virginia Matos e Silva no qual a autora referencia o poema de Drummond com o mesmo nome. Embora ambos os textos se refiram ao português falado e escrito, aqui será tomado para distinguir o PE e o PB.

longe da Galícia e das províncias setentrionais onde tinha suas raízes. É daí que partirão as inovações destinadas a permanecer, é aí que se constituirá a norma.

Determinar os períodos na história da língua portuguesa até os dias atuais, não é tarefa das mais fáceis. Alguns estudiosos consideram dois grandes períodos: o arcaico – que vai até Camões (século XVI) – e o moderno, que começa a partir dele. Mas há também autores que embasam sua periodização nas divisões tradicionais da história, nas escolas literárias ou nos séculos.

Mattos e Silva apresenta a subdivisão do português, resumindo a proposta de quatro diferentes autores no quadro abaixo:

Época	Leite de Vasconcelos	Silva Neto	Pilar Vasquez Cuesta	Lindley Cintra
Até o séc. IX (882)	Pré-histórico	Pré-histórico	Pré-literário	Pré-literário
Até ± 1200 (1214 -1216)	Proto-histórico	Proto-histórico		
Até 1385/1420	Português arcaico	trovadoresco	Galego-português	Português antigo
Até 1536/1550		Português comum	Português pré-clássico	Português médio
Até o séc. XVIII	Português moderno	Português moderno	Português clássico	Português clássico
Até o séc. XIX / XX			Português moderno	Português moderno

Quadro 1: Sumarização do Português

Fonte: Mattos e Silva (1991, p.19)

Este quadro reúne a proposta de quanto à periodização para a história da língua portuguesa. Mas cabe, também, lembrar o que diz Carolina Micaelis (1956 apud MATTOS E SILVA, 1994, p. 248) “uma língua não nasce em dia e hora certa, nem evoluciona num momento de um estado a outro. Algumas transformações realizam-se muito devagar, outras muito depressa”. Desse modo, é sabido que essas divisões são propostas para fins de estudo da língua, mas que não podem ser consideradas definitivas.

Entretanto, por não ser o objetivo deste artigo um estudo mais profundo da história da língua, serão observados alguns fatos que foram determinantes para a compreensão da chegada da língua portuguesa ao Brasil.

A expansão do território português inicia-se, a partir de 1415, com a tomada de Ceuta. Em 1418, os portugueses chegam a Porto Santo e colonizam a Madeira. O objetivo maior dessa expansão foi chegar às Índias pelo cabo das Tormentas, depois ao cabo da Boa Esperança. Dessa forma, foram avançando para o Oriente e, nesse meio tempo, "acha-se" ou "descobre-se" o que viria a ser o Brasil em 1500, numa expedição capitaneada por Pedro Álvares Cabral e relatada, belamente, na Carta de Pero Vaz de Caminha.

É sabido que o principal objetivo dos portugueses era de natureza econômica, tendo como consequência direta a expansão da fé católica. Para difusão da fé, havia a presença da Companhia de Jesus. Entretanto, embora não fosse um objetivo definido, propagava-se a língua portuguesa, que, “era transportada assim para o ultramar, vai expandir-se por vastos territórios” (TEYSSIER, 1997, p.42).

Não se pode negar que esta expansão ultramarina enriqueceu o acervo lexical e morfo-sintático da língua portuguesa com empréstimos tomados das diversas línguas que teve contato, a exemplo do bilingüismo luso-espanhol (entre o século XV e XVII) – período em o espanhol serviu como segunda língua para os portugueses cultos – e a influência da língua

francesa, que embora não se caracterize um bilingüismo, o galicismo influenciará no vocabulário e na sintaxe portuguesa.

O PORTUGUÊS BRASILEIRO

O Brasil foi “descoberto” em 1500, mas, efetivamente, a colonização começou em 1532, com a subdivisão do território brasileiro em quinze capitanias hereditárias. Ao chegarem aqui, os portugueses encontraram os índios; posteriormente, trouxeram os africanos, formando, assim, no período colonial, a base da população brasileira.

Muitos fatos – históricos, econômicos e culturais –, ao longo do período de 1500 a 1822, quando se deu a independência, contribuíram para a formação do que hoje resulta no povo brasileiro.

O Brasil é uma nação com território e estado definidos. A língua oficial, por força da lei é a língua portuguesa. Entretanto, a lei não reflete a realidade lingüística brasileira, fato estudado por diversos autores, a exemplo de Machado Filho (2007):

Há muito que, na História, se têm identificado e registrado características que, crescentemente, distanciam o português brasileiro (PB) do português europeu (PE), quer no âmbito fônico ou lexical, quer, sobretudo, na morfossintaxe, a ponto de, hoje, por vezes, promover entre seus falantes - quando em contato direto -, a sensação de se tratar de duas línguas distintas e não mais de uma entidade lingüística comum.

Mattos e Silva (2004, p. 140) assim se pronuncia sobre o distanciamento do português brasileiro do europeu:

O hoje designado português brasileiro difere, e muito, sobretudo nos seus usos falados, do português europeu: possui aspectos fonéticos próprios, como, por exemplo, a realização das vogais pretônicas e também as postônicas; aspectos prosódicos ou supra-segmentais que, de imediato, distinguem um brasileiro de um português; aspectos sintáticos, amplamente estudados por sociolinguistas e gerativistas, sobressaindo-se, nessa sintaxe, a colocação dos pronomes clíticos, e o sistema pronominal em geral; aspectos discursivos, ainda pouco estudados, que caracterizam modos de dizer próprios aos brasileiros e não aos portugueses. Para não falar das diferenças lexicais.

Vários fatores são apontados, a fim de explicar o distanciamento entre o português europeu e brasileiro, Dentre eles, a mencionada autora indica o multilingüismo característico do território brasileiro e a demografia histórica; a mobilidade populacional, sobretudo a dos africanos e afro-descendentes e a escolarização ou sua ausência ao longo da história do Brasil (2006, p.5).

Conforme foi mencionado anteriormente, muitos tentam explicar o distanciamento entre a língua portuguesa presente no Brasil e na Europa. Entretanto três hipóteses têm sido mais aceitas. São elas: a dos que defendem que o português brasileiro sofreu um processo de crioulização prévia e posterior descrioulização; a daqueles que aceitam que o português brasileiro é resultado de um processo de transmissão lingüística irregular, e, finalmente, a dos que defendem que as modificações ocorridas são decorrentes de uma deriva secular.

A crioulização se baseia na hipótese de que “o português europeu entrou como língua de base, fornecendo a maior parte dos itens lexicais, e as línguas africanas, ou outras línguas

por ventura presentes, entraram como línguas de substrato, intervindo na gênese das mudanças lingüísticas estruturais” (NARO; SCHERRE, 2000). São defensores desta hipótese: Silva Neto (1986); Câmara Júnior (1975); Ferreira (1994); Jeroslow (1975); Holm (1992); Guy (1989) e Mello (1997).

A segunda hipótese, a da transmissão lingüística irregular, capitaneadas por Alan Baxter (1995) e Dante Lucchesi (2003), defendem a idéia de “um *continuum* de níveis diferenciados de socialização/nativização de uma língua segunda, adquirida massivamente, de forma mais ou menos imperfeita, em contextos sócio-históricos específicos” (LUCCHESI, 2003, p.274).

Em defesa da hipótese da deriva, Sapir afirma que “a linguagem move-se pelo tempo em fora num curso que lhe é próprio. Tem uma deriva”. (1926, p. 121). Para ele, “as mudanças dos próximos séculos estão em certo sentido prefiguradas em certas tendências não perceptíveis do presente” (1926, p. 124). Nesta premissa, a língua portuguesa no Brasil seria o resultado de um lento, gradual e inexorável processo de mudança lingüística que afeta qualquer língua. Assim sendo, as características do português do Brasil seriam fruto do jogo interno da estrutura. Coaduna-se com essas reflexões a afirmação de Naro e Scherre (2003, p.296) quando ressaltam que o português brasileiro resulta do “espraiamento de estruturas e variações” existentes na história da língua, cuja frequência se alterou em função de uma confluência de motivos.

O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES: O QUE CONSTA NAS GRAMÁTICAS

Huber em sua *Gramática histórica do português antigo*, editada originalmente em 1933, afirma que a língua portuguesa, conservou do latim as formas verbais do infinitivo, do gerúndio, do particípio (presente e passado), o indicativo nos seus tempos presente, pretérito imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito, o subjuntivo presente e o imperativo.

Sobre o mais-que-perfeito, o mesmo autor nos diz que “o mais-que-perfeito simples tem, em geral, o significado do mais-que-perfeito latino, isto é, indicando uma ação que se concluiu antes de outra também no passado”. (HUBER, 1986, p.251).

Dias (1959, p.107) afirma que o pretérito mais-que-perfeito simples serve para exprimir uma ação passada, em relação a uma outra ação que se realizou ou se realizava e que, em orações subordinadas, pode estar relacionado com um presente de uma oração subordinante, quando esse presente tem o sentido de pretérito.

Said Ali (1964, p. 315) afirma que “quando queremos significar que certo fato ocorreu antes de outro fato passado, damos ao competente verbo a forma do mais-que-perfeito”. O mesmo autor faz referência à similaridade das terminações *-aram*, *-eram*, *-iram* com as do pretérito perfeito, mas explica que a ambigüidade é desfeita através do contexto. Para isso, orienta que seja usada, em lugar do pretérito mais-que-perfeito simples, a combinação “*tinham + particípio do pretérito*”, ou seja, a forma composta.

Entre os gramáticos contemporâneos, Cegalla (1984, p.162) apenas indica a existência dos três pretéritos e exemplifica a distinção entre eles, através de frases: “**Ele trancava a porta**” (Imperfeito). “**Ele trancou a porta**” (Perfeito). “**Quando cheguei, ele já trancara a porta**” (pretérito mais-que-perfeito simples).

Almeida (1999, p. 229) por sua vez, ratifica a postura dos gramáticos que afirmam que o pretérito mais-que-perfeito é o “passado do passado”; propõe, também, a distinção entre os três pretéritos e para especificar o pretérito mais-que-perfeito utiliza o seguinte exemplo: “**Ele saíra quando eu entrei**”.

Rocha Lima (2003, p.123) apenas faz considerações sobre o tempo verbal, indicando as três possibilidades: presente, pretérito (três modalidades) e futuro (duas modalidades). O conceito de “passado do passado” também é ratificado por Cunha (1975, p. 436) e, posteriormente, por Cunha e Cintra (2001, p.456) . Para comprovar essa afirmação utilizam os seguintes exemplos:

Foi ao gabinete do marido, que já *devorara* cinco ou seis jornais, *escrevera* dez cartas e retificava a posição de alguns livros na estante (Machado de Assis, OC, I, 721.) (CUNHA, 1975, p.436)

O monólogo *tornara-se* tão fastidioso que o Barbaças desinteressou-se. (Fernando Namora, Tj. 193). (CUNHA; CINTRA, 2001, p.456).

Com esses exemplos os autores mostram que o pretérito mais-que-perfeito “indica uma ação que ocorreu antes de outra ação já passada”, afirmando ser esse o “**valor normal**” do mencionado tempo verbal (CUNHA; CINTRA, 2001, p.457). Entretanto, é perceptível que essas definições de cunho exclusivamente gramatical sobre o pretérito mais-que-perfeito focam apenas a noção de tempo expressa pela forma verbal: uma situação passada ocorrida antes de outra também passada, o que, entretanto, não é suficiente para explicar o funcionamento do pretérito mais-que-perfeito em textos de registros diversos.

A INTERPRETAÇÃO DOS TEMPOS VERBAIS: UMA PERSPECTIVA LINGÜÍSTICA

Embora o conceito de “tempo” tenha sido alvo de discussão desde os gregos, foi Reinchenbach³ (1948) que formalizou uma interpretação temporal para as línguas naturais. Citado por Côroa (1985, p.21), esse autor definiu três pontos teóricos na linha do tempo: o que marca o momento da fala (MF), o que assinala o momento em que transcorre o evento (ME) e o que é ponto referencial (MR) para os dois primeiros. Segundo Ilari (2001, p.13), essa concepção de Reinchenbach está bem próxima das intuições do falante e se aplica bem ao português. Esse fato pode ser constatado observando-se que Jerônimo Soares Barbosa, um dos mais importantes gramáticos da língua portuguesa, que viveu no final do século XVIII, já indicava a necessidade de correlacionar cronologicamente três momentos distintos, um dos quais é o próprio momento da fala, outro o momento em que a ação se realiza, e outro um momento tomado como ponto de referência suprido pelo contexto.

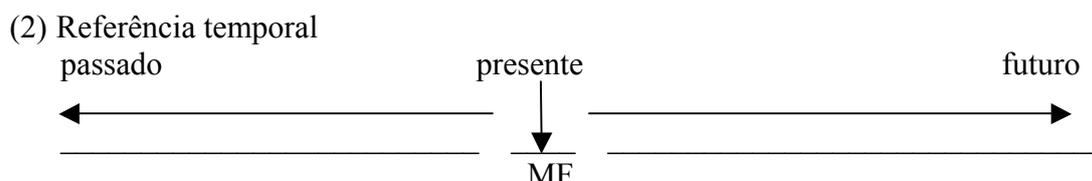
Este pretérito nota uma existência não só passada, como o pretérito imperfeito, e não só passada e acabada indeterminadamente, como o pretérito absoluto, e não só passada e acabada relativamente à época atual, como o presente perfeito; mas passada e acabada relativamente a outra época também passada, mas há mais tempo, e marcada ou por um tempo determinado, ou por um fato, quer expresso, quer subentendido, como quando digo: *ontem, ao meio dia, tinha eu acabado esta obra*; onde meio-dia é a época a respeito da qual, e antes dela era já passada e acabada a obra. E quando digo: *eu tinha saído quando ele entrou*; a entrada é também uma época pretérita a respeito da presente em que estou falando. Mas, minha saída não só é anterior e passada, mas ainda concluída e acabada a respeito da dita entrada (BARBOSA, 1830, p.150).

³ Primeiro lógico a formalizar uma interpretação temporal das línguas naturais.

Pode-se observar que essa descrição de Soares Barbosa corresponde perfeitamente à fórmula apresentada por Reinchenbach:

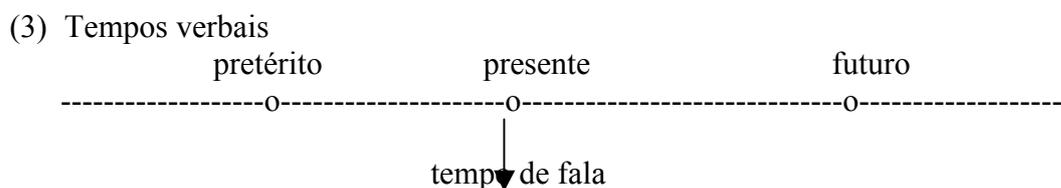
$$(1) ME \rightarrow MR \rightarrow MF$$

Desse modo, o tempo verbal exprime a experiência de tempo, representando situações (estados, processo e ações) nas referências temporais – presente, passado e futuro, que são analisadas a partir do momento da fala. A partir deste ponto de referência, pode-se se localizar os fatos à esquerda ou à direita, conforme representação abaixo:



Caso uma língua tenha uma categoria gramatical para expressar uma referência temporal, de acordo com Comrie (1981 apud COAN, 2003, p.37), esta língua tem um tempo verbal. Convém considerar também que há línguas que não têm esta referência, expressando o tempo através de marcas adverbiais ou até pelo contexto lingüístico. Como explica a autora, Givon (1984) considera termo “tense” um modo de construção do tempo como uma sucessão de pontos, cada um ocupando posição fixa na ordem linear. Esses pontos se inter-relacionam, de modo que o tempo da fala funciona como uma referência universal.

Pode-se representar os tempos verbais da seguinte maneira:

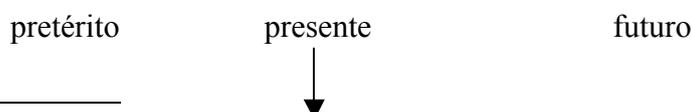


Sobre os tempos verbais do português, Mateus et al (1983, p. 104) afirma:

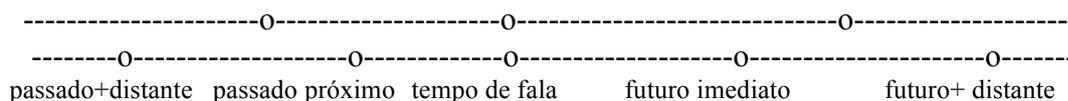
no Português, os tempos naturais são o presente, o passado e o futuro que exprimem uma ordenação do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito relativamente ao intervalo de tempo em que ocorre a enunciação definida, respectivamente, pela relação de simultaneidade, anterioridade e posterioridade. Em enunciados descrevendo mais do que um estado de coisas, a ordenação temporal é mais complexa, visto que os estados de coisas descritos são ordenados relativamente ao momento de enunciação mas, para além disso, são ordenados uns relativamente aos outros.

Partindo desta interpretação, observa-se que nem todos os tempos verbais são analisados exclusivamente a partir do tempo da fala, podendo, desta maneira, serem relativizados, considerando-se o enunciado.

(4) Continuum do tempo⁴



⁴ Baseado em COAN, 2003



As relações temporais estabelecidas pelas formas verbais no enunciado, podem ser classificadas de três formas: tempo absoluto, relativo e relativo-absoluto. As teorias do tempo absoluto, baseadas em Newton e Galileu, postulam que o tempo “flui sem relação com qualquer coisa externa a ele”. O momento presente é o ponto de referência, e também parte de seu sentido. (CÔROA, 1985, p. 27)

No tempo verbal relativo, o ponto de referência é dado pelo contexto lingüístico. Comrie (1990, p. 58) considera que "tudo que é requerido para tempos verbais relativos é a identificação de um ponto de referência compatível com o contexto dado.", conceito ratificado por Côroa (1985, p.30) ao afirmar que o tempo pode ser definido, mas não determinado, pois depende do referencial que se tome.

Por sua vez, o tempo relativo-absoluto é vinculado ao tempo da fala. Coan (1997, p.45), tomando por base os pressupostos de Comrie (1990), afirma que o pretérito mais-que-perfeito é classificado como um tempo relativo-absoluto, pois resulta de sua conjugação com um outro tempo passado vinculado ao tempo de fala..

METODOLOGIA

Objetivando analisar e descrever o uso do pretérito mais-que-perfeito simples na modalidade oral do Corpus do Português (2011), foi efetuada, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica, no sentido de se obter subsídios para a análise a ser elaborada a partir dos dados detectados nos documentos discriminados nos quadros (2 e 3) abaixo. Uma vez realizada a referida pesquisa, partiu-se para a coleta de dados e para a classificação dos mesmos.

No corpus, utilizou-se a sintaxe [vm*], ou seja, verbos que utilizam a desinência temporal -RA ; objetivando encontrar verbos no pretérito mais-que-perfeito nos anos de 1900's (Brasil e Portugal), na seção Brasil oral (BrOr) e Portugal oral (PtOr).

O CORPUS

O *corpus* é utilizado para validar resultados de uma pesquisa. Como explica Bidermann (2001, p. 79), “*corpus* constitui um conjunto homogêneo de amostras da língua de qualquer tipo (oral, escrita, literária, coloquial, etc.)”. Para este artigo, escolheu-se como *corpus* o *Corpus do Português (2011)*, organizado por Mark Davies (Brigham Young University) e Michael Ferreira (Georgetown University), composto de textos de gêneros diversos, dos séculos XIII ao XX.

Para a escolha de um *corpus*, conforme Oliveira (2001), é preciso considerar-se a representatividade das amostras selecionadas. Assim, os textos a serem incluídos em um *corpus* representativo do PB e PE devem, entre outras características, ser: autênticos, refletindo a língua em uso; produzidos por falantes nativos da língua, ou seja, brasileiros e portugueses; produzidos em diferentes regiões do país, para representar a variedade regional de forma abrangente; selecionados de forma não aleatória, tendo conteúdo diverso, visando representar a maior variedade possível de ações sociais. Essas características atendidas pelo *corpus* em questão, do qual foram extraídos transcrições do PB e do PE falado contemporâneo.

O Corpus do Português, no que se refere à língua falada, acha-se assim constituído:

Português europeu

PORTUGAL – 1900 - 1999		UTILIZADOS	
CÓDIGO	ORAL	TEXTOS	PALAVRAS
Pt:Cordial	Corpus Dialectal o Estudo da Sintaxe (CORDIAL-SIN)	968	428.826
Pt: Intrv:Jrnl	Interviews in Jornal de Notícias (Lisboa)	150	248.438
Pt:CRPC	CRPC - Corpus de Referência do Português Contemporâneo	139	136.511
Pt: Intrv:Pub	Interviews in Público (Lisboa)	63	86.784
Pt: CVC	Instituto Camões: Geografia da Língua Portuguesa	92	53.641
Pt: Intrv:Beira	Interviews in Terras da Beira (Guarda)	23	42.372
Pt:PFVGS	Português Falado - Variedades Geográficas e Sociais	30	40.477
Pt: Intrv:Web	Interviews on the Web	60	259.358
TOTAL		1.525	1.296.407

Quadro1: Indicação de textos do PE
Fonte: Corpus do Português, 2011

Português brasileiro

BRASIL - 1900 - 1999		UTILIZADOS	
CÓDIGO	ORAL	TEXTOS	PALAVRAS
Br: Intrv:ISP	Interviews in O Estado de São Paulo (São Paulo)	266	356.382
Br: Intrv:Pov	Interviews in Gazeta do Povo (Curitiba)	49	54.092
Br: Intrv:Tar	Interviews in A Tarde (Bahia)	47	42.139
Br: Intrv:Com	Interviews in Jornal de Comércio (Recife)	31	37.382
Br: Intrv:Cid	Interviews in Jornal da Cidade (São Paulo)	22	28.202
Br: Intrv:Web	Interviews on the Web	53	265.870
Br:LF:SP	A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. São Paulo: T. A. Queiroz	20	181.598
Br:LF:Recf	A linguagem falada culta na cidade do Recife. Recife: UFPE	31	300.423
TOTAL		519	1.266.088

Quadro 2 Indicação de textos do PB
Fonte: Corpus do Português, 2011

ANÁLISE DOS DADOS

OCORRÊNCIAS

Após a coleta das estruturas com o tempo verbal mais-que-perfeito simples, partiu-se para a análise do seu emprego nos textos que compunham o *corpus*. Foram detectadas 135 (cento e trinta e cinco) no PE e 41 (quarenta e uma) ocorrências no PB. Conforme pode ser visualizado nos quadros (4 e 5) e nos Gráficos 1 e 2 que lhes correspondem:

PORTUGAL – 1900 - 1999		OCORRÊNCIAS
CÓDIGO	ORAL	PMQPS
Pt:Cordial	Corpus Dialectal o Estudo da Sintaxe (CORDIAL-SIN)	31
Pt: Intrv:Jrnl	Interviews in Jornal de Notícias (Lisboa)	8
Pt:CRPC	Corpus de Referência do Português Contemporâneo	0
Pt: Intrv:Pub	Interviews in Público (Lisboa)	2
Pt: CVC	Instituto Camões: Geografia da Língua Portuguesa	10
Pt: Intrv:Beira	Interviews in Terras da Beira (Guarda)	0
Pt:PFVGS	Português Falado - Variedades Geográficas e Sociais	0
Pt: Intrv:Web	Interviews on the Web	84
TOTAL		135

Quadro 4: Ocorrências do pretérito mais-que-perfeito nos textos orais do PE

Fonte: Corpus do Português, 2011

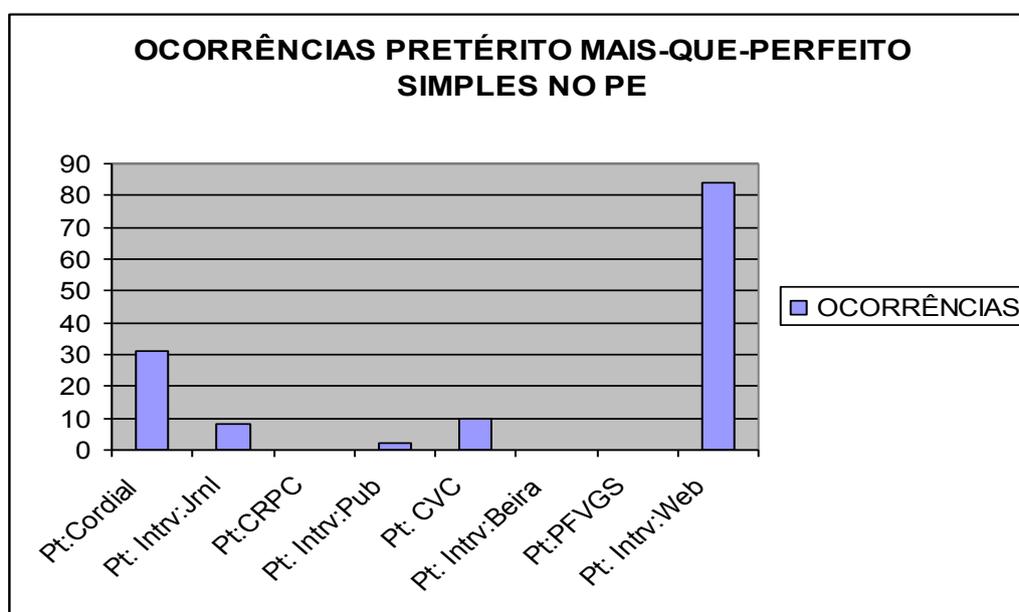


Gráfico 1: Ocorrências do pretérito mais-que-perfeito nos textos orais do PE

Fonte: Corpus do Português, 2011

Observa-se que as entrevistas através da internet tiveram destaque no uso do pretérito mais-que-perfeito simples, representando 62,2% da amostra coletada, fato interessante visto que estas entrevistas trazem a fala de uma variedade de falantes do mais ao menos culto; seguido do CORDIAL-SIN com 23% das ocorrências.

Quanto ao PB:

BRASIL - 1900 - 1999		OCORRÊNCIAS
CÓDIGO	ORAL	
Br: Intrv:ISP	Interviews in O Estado de São Paulo (São Paulo)	15
Br: Intrv:Pov	Interviews in Gazeta do Povo (Curitiba)	0
Br: Intrv:Tar	Interviews in A Tarde (Bahia)	2
Br: Intrv:Com	Interviews in Jornal de Comércio (Recife)	2
Br: Intrv:Cid	Interviews in Jornal da Cidade (São Paulo)	0
Br: Intrv:Web	Interviews on the Web	12
Br:LF:SP	A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. São Paulo: T. A. Queiroz	1
Br:LF:Recf	A linguagem falada culta na cidade do Recife. Recife: UFPE	9
TOTAL		41

Quadro 5: Ocorrências do pretérito mais-que-perfeito nos textos orais do PB

Fonte: Corpus do Português, 2011

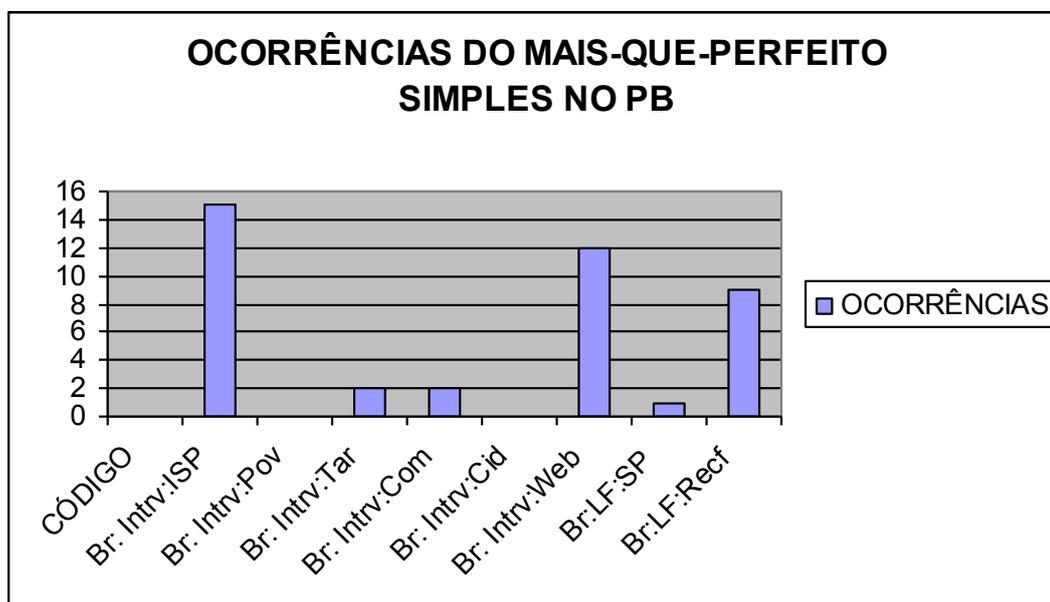


Gráfico 2: Ocorrências do pretérito mais-que-perfeito nos textos orais do PB

Fonte: Corpus do Português, 2011

No PB, o maior número de ocorrências, 37%, ocorreu nas entrevistas publicadas pelo Jornal o Estado de São Paulo – jornal de grande circulação – que traz entrevistas com personalidades de destaque no meio artístico e cultural; seguido das entrevistas realizadas via web, que assim como nas entrevistas portuguesas, apresenta uma variedade dos falantes dos mais diversos níveis (social, econômico e cultural).

BUSCANDO CONDICIONADORES

Para detectar possíveis contextos favorecedores do emprego do mais-que-perfeito simples, foi analisado o tipo de oração em que esse tempo verbal foi empregado, assim como a equivalência do tempo verbal em estudo, visando comparar as possíveis diferenças entre o PE e o PB quanto ao emprego do mencionado tempo verbal..

Tipos de oração

A classificação das orações está de acordo com a proposta pela gramática tradicional. Como nem todos os tipos de orações ocorreram, serão analisados apenas os resultados positivos da quantificação. Os resultados estão dispostos na tabela 1 e no gráfico 3:

Tabela 1 – Relação entre os tipos de orações e a frequência de emprego do mais-que-perfeito simples no PE e PB.

	or. abs	coord. assind	coord. sind.	subs. o.dir	subs. o.ind	subs. cn	subs. subj.	adv. adj.	adv. caus.	adv. fin.	adv. tem.	or. pr.
P	11	25	25	11	1	3	6	28	3	3	2	17
E	135	135	135	135	135	135	135	135	135	135	135	135
	8%	19%	19%	8%	1%	2%	4%	21%	2%	2%	1%	13%
PB	3	6	6	5	1	2	1	10	1	1	1	4
	41	41	41	41	41	41	41	41	41	41	41	41
	7%	15%	15%	12%	2%	5%	2%	24%	2%	2%	2%	10%

Fonte: Corpus do Português, 2011.

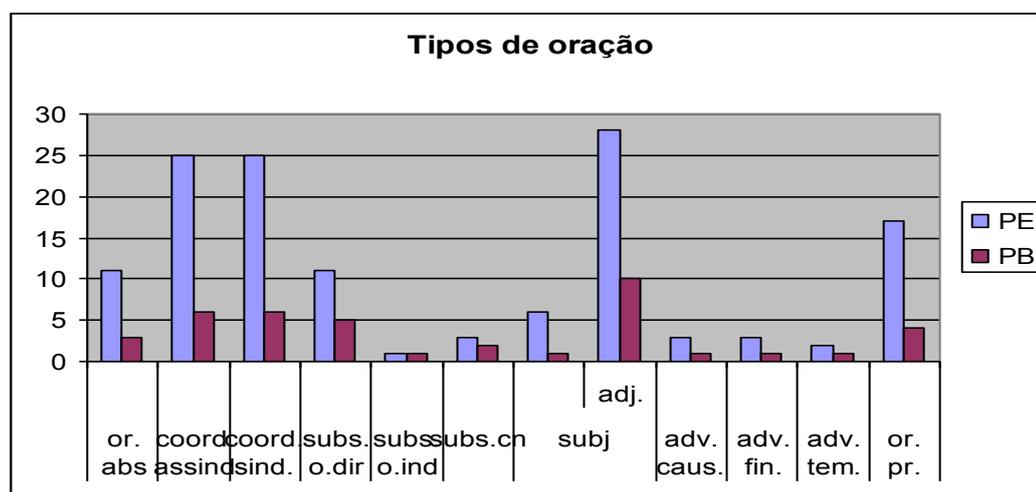


Gráfico 3: Tipos de orações e a frequência de emprego do mais-que-perfeito simples no PE e PB.
Fonte: Corpus do Português, 2011.

Levando-se em conta os números apresentados acima, tanto no PE quanto no PB, observa-se que tipos de orações mais condicionadoras à ocorrência do mais-que-perfeito simples são as orações subordinadas adjetivas e as orações coordenadas.

Como já foi explicitado, o emprego do pretérito mais-que-perfeito denota a anterioridade de um passado relacionado a outro. Desse modo, sua presença em orações adjetivas e coordenadas se refere ao fato de que este tempo verbal tem um espaços nas narrativas quando se soma, ao relato dos eventos, um marco anterior no tempo.

(1) [...]. Havia apenas um, mais velho, o Pacheco de Amorim, que era um referencial: um aventureiro, *fizera* parte da revolta da Mealhada, *fora* um dos homens que *avançara* sobre Lisboa para derrubar o Salazar (190r: Pt: Intrv: Web).

(2) remédio - tomasse conta do mundo todo - olha aí a rapidez - foi um drama - foi um drama tremendo - ô E. - conseguiram - com o soro recolhido de uma das pessoas que *contraíra* a febre e: ficara boa - debelar - até - certo ponto - e isolaram - o danado do vírus da Febre de Lassa que é um um: um: - um microorganismo - éh:: parecido com a bola de (19Or:Br:LF:Recf).

Especificamente no caso das coordenadas, cabe lembrar, em se tratando da linguagem oral, é usual ir-se "emendando", através das conjunções, uma oração à outra. Observar (3), (4) e (5):

(3) P. - Porquê? Porque era titular dos Negócios Estrangeiros? R. - Com certeza. Mas *começara* antes: um dia, talvez em fins de 1973, dirigiu um telegrama ao PAIGC a felicitá-lo quando declarou a Guiné como um Estado independente. .. (190r: Pt: Intrv: Web).

(4) Ou *rompera* quando o técnico rebobinou, ou quando Renato terminou de ouvir. [...] (190r: Br: Intrv:Web).

(5) remédio - tomasse conta do mundo todo - olha aí a rapidez - foi um drama - foi um drama tremendo - ô E. - conseguiram - com o soro recolhido de uma das pessoas que *contraíra* a febre e: ficara boa - debelar - até - certo ponto - e isolaram - o danado do vírus da Febre de Lassa que é um um: um: - um microorganismo - éh:: parecido com a bola de (19Or:Br:LF:Recf).

Cabe destacar que as orações que trazem o pretérito mais que perfeito adicionam uma informação ao fato que está sendo narrado. Desse modo, pode-se afirmar que o emprego do tempo verbal em estudo está relacionado a certos tipos de orações, tendo em vista a sua especificidade de anterioridade e adicionalidade das informações expressadas, conforme resultados demonstrados na tabela 1.

Equivalência a outros tempos verbais

Como dito anteriormente, o pretérito mais-que-perfeito, tempo derivado da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito, de referência passada, situado no continuum apresentado, à esquerda do tempo da fala, descrito, de forma canônica, como o tempo que situa o momento do evento antes do momento de referência, por sua vez, anterior ao momento da fala., ou seja, "é o passado do passado". Entretanto, é sabido que há outros valores desempenhados pelo mais-que-perfeito, conforme pode está demonstrado na tabela 2, abaixo:

Tabela 2 - Ocorrências do Pretérito Mais-que-Perfeito Simples (PMQPS) no Corpus do Português e sua equivalência a outros tempos verbais

	PMQPC do Indicativo	Pretérito Imperfeito do Indicativo	PMQP do Subjuntivo	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	TOTAL
PE	130	2	1	2	135
%	97%	1%	1%	1%	100%
PB	40	0	0	1	41
%	98%	0	0	2%	100%

Como se pode observar, o pretérito mais-que-perfeito simples, na mostra analisada, ocorre:

- a) equivalendo ao Mais-que-Perfeito Composto do Indicativo:

(6) " Pois então abra-me a porta do quarto, que eu tenho que ir (..) vê-lo eu mesma ". INF3 Sim, sim, sim. Ele *ajeitara* a roupa.. INF 2 Ele *pusera* um molho de palha na cama.. INF3 A parecer que era ele. INF 2 A parecer que era ele. INF1 A enganar a mãe. INF2 Mas a madrinha disse: " Não, não. Eu vou lá ver. (19Or:Pt:Cordial) - [*tinha ajeitado; tinha posto*]

- b) com o valor de Pretérito Imperfeito Indicativo:

(7) acolá e tenho o fuso guardado. (..) INQ2 Ai, a roda é aquela? INF É aquilo. A roda (..) era aquilo. Mas (..) eu tenho o fuso ali guardado porque eu também não.. Para que Porque é que o *houvera* de ter acolá a estragar? O fuso (..) é a obra melhor da roda, é o fuso. O fuso é o que mais custa .. (19Or:Pt:Cordial) - [*havia*]

- c) com o valor de Pretérito Imperfeito do Subjuntivo:

(8) Quanto ao metro do Porto, assentamos que esta obra tem de servir de exemplo, em todos os sentidos, e por isso é que está a demorar este tempo. Não *fora* os cuidados postos na elaboração das propostas e na rentabilização dos dinheiros públicos e caíamos na mesma situação. JN - Assume, então, que não vão existir derrapagens? (19Or:Pt:Intrv:Jrnl) - [*fosse*]

(9) o danado do vírus da Febre de Lassa que é um um: um: - um microorganismo - éh:: parecido com a bola de bo / de: bilhar - não *fora* - a rapidez dos transportes - o que é que tá acontecendo? (19Or:Br:LF:Recf) - [*fosse*]

- d) com o valor de Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo:

(10) era o maior. Daí para a frente passava a uma charrua. (..) INQ1 Mas eram os arados de pau, os antigos? INF Os antigos. (..) E se *fôra* charrueco, era o mesmo lema, tinha mesmo (..) nomeação de (..) aiveca. ptCord_SRP10### (19Or:Pt:Cordial) - [*tivesse sido*].

Como se pode verificar, o valor etimológico do Pretérito Mais-que-Perfeito, o de passado anterior, é predominante, tanto no PE quanto no PB. Entretanto, pode-se verificar que

também, embora em menor número nesta amostra, ocorre com o valor de Pretérito Imperfeito do Indicativo e do subjuntivo, e ainda como o mais-que-perfeito do Subjuntivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho procurou-se analisar o uso do pretérito mais-que-perfeito simples no português brasileiro confrontando-o ao português europeu. A análise dos dados revelou que, no tocante ao uso deste tempo verbal, na linguagem oral, não há uma distinção relevante que possa ser feita. Pode-se notar pelos dados apresentados que os contextos condicionadores são bastante semelhantes tanto para um quanto para outro. Neste aspecto, as orações subordinadas adjetivas mostrou-se o contexto que mais condiciona ao emprego do Pretérito mais-que-perfeito seguidas das orações coordenadas. Interessante ressaltar que, por se tratar de linguagem oral, este fato é perfeitamente compreensível, visto a necessidade que os falantes têm em esclarecer, explicar os fatos narrados – oração subordinada adjetiva –, além do “hábito” de se juntar uma oração à outra mediante o uso das conjunções ou não – orações coordenadas.

Outro objetivo desse trabalho foi o de estabelecer e catalogar as funções e valores desempenhados pelo mais-que-perfeito simples nos textos que compõem o Corpus do Português. O primeiro passo para a realização desse objetivo foi o de verificar as ocorrências do pretérito mais-que-perfeito presentes no corpus escolhido, observando-se que o pretérito mais-que-perfeito simples equivale ao mais-que-perfeito composto em 97% (130 das 135 ocorrências) no PE, e a 98% (40 das 41 ocorrências) no PB. Em menor número, 1% (PE) e 2% (PB), equivale ao pretérito imperfeito do subjuntivo. No caso do PE, especificamente, ainda ocorreu equivalendo ao mais-que-perfeito do subjuntivo (1 ocorrência) e ao Pretérito Imperfeito do Indicativo (2 ocorrência).

Pôde-se observar, também, que o valor etimológico do pretérito mais-que-perfeito, o do passado anterior, é predominante, tanto no PE quanto no PB.

Sobre a hipótese de que o mais-que-perfeito simples é um tempo verbal em vias de desaparecimento no português contemporâneo, especialmente, na língua falada, pode-se notar, com base no que foi apresentado, que há uma tendência à diminuição do uso deste tempo verbal, mais ainda não é possível afirmar que esse desaparecimento já é um fato.

No *corpus* analisado, observa-se que, sem nenhuma dúvida, o uso é reduzido. Considerando que para o estudo do PE foi utilizado 1.296.407 (um milhão duzentos e noventa e seis mil e quatrocentos e sete palavras) das quais apenas 165 (cento e sessenta e cinco), ou seja, 0,0104 % das ocorrências. Fato semelhante ocorre no PB, que tem 1.266.088 (um milhão duzentos e sessenta e seis mil e oitenta e oito palavras) das quais apenas 41 se referem ao mais-que-perfeito, ou seja, 0,00324%.

Embora ainda não se possa comprovar a hipótese apresentada, os resultados aqui apresentados são merecedores de uma análise mais profunda, podendo, ainda confrontá-los com o uso do pretérito mais-que-perfeito composto e/ou também à modalidade escrita. Dessa forma, poder-se-ia chegar a uma conclusão mais específica.

A carência de estudos sobre morfossintaxe verbal na história do português constituiu lacunas ao longo da composição deste trabalho, de modo que, esse estudo poderá fornecer dados específicos sobre o emprego desse tempo verbal, ampliando, assim, o conhecimento sobre a história da língua portuguesa.

Uma vez que o corpus escolhido é muito rico, podendo ter seus critérios de análise ampliados, o conteúdo aqui apresentado está longe de esgotar-se. Muito ainda há para ser pesquisado e descoberto, especialmente, no que se refere aos contextos em que ocorre esse tempo verbal, além de aprofundar a análise quanto à distinção entre o PE e o PB. Espera-se, em trabalhos futuros apresentar reflexões mais consistentes sobre o pretérito mais-que-

perfeito.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. **A gramática de Port-Royal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARBOSA, Jeronymo Soares. **Gramática philosophica da língua portuguesa**. 2 ed. Lisboa: Lisboa, 1830.

BIDERMANN, Maria Teresa Camargo. **Teoria Lingüística**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COAN, Márluce. *As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função (ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. Tese (Doutorado em Lingüística) – Curso de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

COMRIE, B. **Tense**. 4 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Salles. **O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica**. Brasília: Thesaurus, 1985. 104 p.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1975.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIAS, Augusto Epiphanyo da Silva (1918). **Sintaxe histórica portuguesa**. 3. ed. Lisboa: Clássica.

HUBER, Joseph. **Gramática do português antigo**. Tradução de Maria Manuela Gouveia Delille. Lisboa.: Fundação Calouste Gulbenkian [1933].

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto, 2001.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **A questão da constituição histórica do português brasileiro: revendo razões**. Biblos, Coimbra, v. 5, p. 187-206, 2007.

MATTOS E SILVA, R.V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. S. Paulo: Parábola, 2004.

MATTOS E SILVA, R.V. **Três sócio-histórias**: três línguas. 2006. Disponível em: <http://www.prohpor.ufba.br/tres.pdf>. Acesso em: 15. mai. 2011.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Org.). **Origens do português brasileiro**. São Paulo:Parábola Editorial, 2007.

OLIVEIRA, Lúcia Pacheco de Projeto: **Compilação de um corpus representativo do português do Brasil e análise multidimensional da variação entre gêneros discursivos**. Disponível em: <http://www.lettras.puc-rio.br/pdfs/site%20CORPOBRAS.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2011.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática História*. São Paulo: Editora Monteiro Lobato & cia, 1923.

REICHENBACH, Hans. The tenses of verbs. In: REICHENBACH, Hans. **Elements of symbolic logic**. New York: The MacMillan Company, 1947, p. 287-298.

SAID ALI. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SAPIR, Edward. 1954[1938]. **A linguagem**: introdução ao estudo da fala. Tradução de Joaquim Mattoso Câmara Junior. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.